

A cidade complexa como cenário da percepção do educando

Ribeiro, Ana Paula

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduanda em Bacharelado em Geografia pela mesma instituição de ensino.
anapaulageografia@yahoo.com.br

Elga Medeiros

Licenciada em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduanda em Bacharelado em geografia pela mesma instituição de ensino
elgameideiros@yahoo.com.br

Élson Krebs

Licenciado em Geografia pela Universidade La Salle
krebsser@terra.com.br

Geografia

Educação

Ensino de geografia

Prática de ensino

Ensino básico

O trabalho tem por objetivo apresentar a importância da experiência lúdica como complemento do conhecimento desenvolvido em sala de aula, promovendo assim, a integração de práticas de diferentes atores – professores e alunos – tendo como espaço a interface da escola com o meio vivido. Partimos então da compreensão do que é fazer Geografia. Segundo Pontuschka, a Geografia, assim como as demais ciências humanas e sociais, tem na escola o compromisso de contribuir para formar o homem inteiro, discurso lido em muitos momentos mas difícil de se realizar na prática do espaço social denominado escola. O conhecimento geográfico abre ao jovem a possibilidade de pensar o homem por inteiro em sua dimensão humana e social, aberto ao imprevisto, aberto ao novo com força ou poder para resistir e intervir na realidade da qual é participante. Callai segue dizendo, dentre outras concepções, que o que se espera da Geografia atual é a leitura da paisagem, do mundo e do espaço construído. A leitura do espaço, entendido como uma construção humana, permite ao aluno a compreensão da realidade social, que se constitui do jogo de forças entre os homens, pelos seus grupos e destes na sua relação com o território, considerando também todos os dados da natureza.

Sendo assim, através de projetos interdisciplinares, o Colégio Luterano Concórdia de Canoas – RS - Brasil desenvolve a percepção do aluno junto ao seu contexto escolar. Destacamos, por exemplo, a saída de campo do projeto “Conhecendo Porto Alegre” ação lúdica complementar. Esse projeto é realizado nas turmas de oitava série como fechamento dos conhecimentos construídos ao longo do Ensino Fundamental. Na disciplina de Geografia, são desenvolvidas em sala de aula atividades que relacionam o conteúdo abordado com o cotidiano do aluno, ou seja, o aluno é inserido no seu contexto diário, para estabelecer relações com o assunto do momento. Dessa forma, o grupo de alunos, acompanhado de professores, realiza um trabalho de observação do espaço geográfico desde a saída até o retorno para a escola. Nas áreas de Geografia e História é solicitado que realizem um croqui (desenho esquemático), representando o trajeto e os pontos observados durante a saída, e ao final, deverão realizar um relato, descrevendo seus sentimentos e percepções dessa experiência.

Dessa forma apresentamos aos nossos alunos que a cidade é construída através da urbanização, ou seja, segundo Strohaecker, através do processo social percebemos as mudanças nas relações comportamentais e sociais que ocorrem na cidade, como resultado às mudanças complexas do estilo de vida que decorrem do impacto das

idades sobre a sociedade. Entendemos que a formação da consciência do indivíduo, ou seja, trabalhar a percepção do mesmo de forma que ele se sinta inserido no meio, e, portanto, suas ações sociais integram o contexto comum à sociedade, faz com que percebam a sua parcela de responsabilidade no contexto social. Buscamos uma construção teórico–metodológica que permita novas formas de atuação ao planejamento urbano municipal e as questões sócio-econômicas e culturais dos atores e da sociedade como um todo. A geografia, como disciplina presente na formação do educando, tem muito a contribuir. Sua importância está no fato de que, a partir dela, abrem-se novas/outras perspectivas, uma vez que pode instigar a conhecer outras lógicas e éticas.

O espaço da cidade para os estudante é algo distante, pois, dificilmente um estudante do ensino fundamental pára para pensar a cidade onde mora e como esta se constitui, se não for estimulado para isso. Fato que traz à Geografia um grande desafio em fazer deste tema algo interessante e principalmente “palpável” à percepção do mesmo. Nosso dever é fazer com que os estudantes se vejam parte da cidade e reflitam sobre seu papel na coletividade do espaço urbano, como atores sociais e o papel que possuem de transformação ou manutenção da cidade. A Geografia nesse sentido se torna instrumento para um novo olhar, para uma nova percepção; o convite que fazemos é a (re)construção de uma sensibilidade sobre o espaço urbano que infelizmente está muitas vezes longe da percepção do educando. Buscamos com esse trabalho fazer uma reflexão sobre o espaço construído e do qual fazemos parte, buscando assim uma relação com as diferentes formas da cidade, procurando correlacioná-los com agentes urbanos que constituem o espaço da cidade. A percepção do educando se transforma quando este passa a pensar a cidade como um todo, compreendendo nosso objeto de estudo como parte de um todo, desenvolvendo assim a visão de conjunto. Temos que entendê-la como uma verdade provisória por esta ser dinâmica, já que o que buscamos com esse trabalho é a síntese que aqui entendemos como sendo a visão de conjunto da cidade que permitirá ao educando descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta. E é essa estrutura significativa (visão de conjunto) que aqui vamos chamar de totalidade. A totalidade é mais que a soma das partes e a compreendemos como um conjunto de processos complexos. Sendo essa a construção que buscamos para os estudantes, através da ação lúdica complementar que vamos relatar no presente trabalho. Por isso, para compreendermos a cidade, precisamos desenvolver a percepção do espaço urbano através da visão da cidade como resultado de um conjunto de processos complexos.

A ação lúdica complementar no espaço urbano de Porto Alegre, a partir do cotidiano dos educandos na suas cidades – nos seus espaços *vividos*. Das relações que se (re)produzem no espaço inter-relacionado da cidade, observamos que o espaço urbano para o educando muitas vezes é percebido, porém este não o interpreta de forma complexa e como um objeto inter relacionado, o que buscamos desenvolver com este trabalho.

Aqui vamos fazer um pequeno relato de como iniciamos este trabalho em sala de aula. Escrevemos a seguinte pergunta no quadro: Por que você vive na cidade? Questionamos os estudantes a respeito da pergunta. Suas contribuições foram escritas em forma de palavras-chaves no quadro. Através das palavras-chaves pedimos para que os estudantes escrevessem no caderno o que para eles é a cidade. Após, pedimos que cada um lesse para o grande grupo sua resposta e iniciamos uma discussão sobre as diferentes percepções que cada um tem sobre a cidade e porque que nossa percepção é diferente sobre os mesmos lugares. Após, construímos uma resposta coletiva através de palavras-chaves trazidas pelos estudantes.

No segundo encontro distribuimos aos alunos a poesia de Mario Quintana - O MAPA.

O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(É nem que fosse meu corpo!)
Sinto uma dor esquisita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...
Há tanta esquina esquisita
Tanta nuança de paredes
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)
Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar
Suave mistério amoroso
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...

Fizemos a leitura com os estudantes e pedimos a eles que falassem de suas interpretações sobre o texto. Pedimos aos estudantes que sublinhassem no texto as palavras que considerassem mais significativas. No quadro colocamos um mapa da cidade de Porto Alegre e escrevemos as seguintes palavras no quadro negro: CIDADE, PORTO ALEGRE, LUGAR DE TROCAS – VIVÊNCIAS. Iniciamos um pequeno debate com os estudantes sobre as palavras acima. Aos estudantes foi pedido que respondessem as seguintes perguntas no caderno: O que é Porto Alegre pra você? O que faz Porto Alegre ser Porto Alegre? Após fizemos um círculo e discutimos as respostas de cada um.

No último encontro, antes da saída de campo, os estudantes foram divididos em duplas e cada dupla recebeu uma folha de ofício. A ordem era que os estudantes fizessem uma apresentação da cidade de Porto Alegre para um desconhecido imaginário, que nunca tivesse vindo à cidade. A atividade era livre para estimular a criatividade dos estudantes. Algumas duplas fizeram um mosaico com figuras de jornais, outros escreveram um pequeno texto sobre a cidade, tivemos também a criação de uma música e também a elaboração de alguns desenhos da cidade.

A cidade é um espaço vivo e (re)interpretado a cada instante, o que percebemos com nosso trabalho em sala de aula. Toda nossa atividade, desde a elaboração dos planos de aula para iniciar a temática sobre a cidade até a elaboração do campo, foi

baseada no princípio de reconhecer a importância da experiência lúdica como complemento do conhecimento da escola.

Este tipo de prática que acompanhamos com essa turma nos proporcionou vivenciar e compreender o espaço vivido de cada estudante, assim como a cidade de cada um.

Toda proposta da Geografia Urbana tem como objetivo repensar a compreensão de cada um sobre o espaço. Cada estudante nos proporciona conhecer uma cidade diferente, já que aos olhos de cada um vamos ter relevâncias diferentes. Alguns estudantes, durante a saída de campo, nos questionaram sobre a desigualdade social exposta no espaço urbano da cidade, as diferenças entre os bairros, as casas. E outros alunos, quando questionados sobre o que mais lhes chamava a atenção na paisagem urbana, respondiam sobre a arborização e o grande fluxo de pessoas e carros.

A Geografia entende a paisagem, em sentido geral, como sendo toda porção de terreno contemplada de uma perspectiva natural ou estética. Para a ciência geográfica, porém, o termo tem significação específica e refere-se ao próprio objeto da geografia. Nesse sentido científico, paisagem é o resultado da combinação, num dado território, dos elementos físicos, biológicos e humanos que constituem sua unidade orgânica e se encontram estreitamente relacionados. Para muitos autores, o objeto da ciência geográfica é o estudo das paisagens terrestres em sua estrutura, gênese e função. O grau mais alto de humanização da paisagem é atingido na cidade, onde a transformação cultural é quase absoluta. Sobre a paisagem urbana é interessante ressaltar a valorização dos contrastes para a compreensão da estrutura e composição social, política e econômica da cidade.

Outro ponto importante desse trabalho é a interdisciplinaridade que tivemos a intenção de construir entre história e geografia. Foi trabalhado junto aos estudantes a base histórica da cidade desde o seu surgimento aos dias atuais e seu papel na história da humanidade. Conhecer o panorama histórico das cidades foi importante para os estudantes compreenderem a dinâmica funcional da cidade de Porto Alegre e também para que esses dessem mais valor ao nosso patrimônio histórico cultural que preservamos, despertando no estudante a curiosidade em querer saber mais da história da sua própria cidade.

Nas palavras de Adriana Araldi, a importância de construir um ensino interdisciplinar reside na integração do ensino à realidade, formando estudantes capazes de compreender a sociedade da qual fazem parte como sujeitos. Tem-se com exigência uma nova prática pedagógica que revise o conteúdo, o método e que resgate a importância da construção do conhecimento uno.

A produção do conhecimento geográfico permite trazer a discussão da realidade, apresentando as contradições presentes nas relações que compreendem essa realidade. Sendo assim, recorrendo e retomando a ótica interdisciplinar, busca-se a compreensão a partir da discussão de complexidade. Segundo Adriana Araldi, conforme Heloíz Lück (1994, p.72):

O enfoque interdisciplinar consiste num esforço de busca da visão global da realidade, como superação das impressões estáticas, e do hábito de pensar fragmentador e simplificador da realidade. Ele responde a uma necessidade de transcender a visão mecanicista e linear e estabelecer uma ótica globalizadora que vê a realidade, em seu movimento, constituída por uma dinâmica de inter-relações circulares, visando estabelecer o sentido de unidade que ultrapassa as impressões fracionadas e o hábito de pensar e de exprimir-se por pares de opostos, com condição e resultado final do processo de produção do conhecimento.

Dessa forma busca-se a alternativa interdisciplinar para o cotidiano de sala de aula através da de uma postura pedagógica crítica, a qual permite a reflexão e compreensão do educando. A análise da complexidade fundamenta-se em Edgar Morin (1982, p.250):

Incita a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de desjuntar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno, em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unicidade-multiplicidade de toda a entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar numa totalidade indistinta. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda a realidade estudada.

Segundo Adriana Araldi, o pensamento complexo deve contemplar a totalidade ao mesmo tempo que distingue as partes que a constituem, sem disjuntar, pois contempla o uno e o múltiplo simultaneamente. A partir da prática interdisciplinar é possível dialogar entre as disciplinas transpondo a fragmentação da estrutura curricular vigente.

A interdisciplinaridade apresenta uma proposta dinâmica porque serve como elo de ligação entre as disciplinas ao mesmo tempo que mantém a identidade de cada área, ou seja, o educando percebe a aplicação do conhecimento construído nas diferentes disciplinas aplicado ao mesmo tempo numa única situação. Por exemplo, a visitação ao Museu de Comunicação, descrito logo a seguir, onde é apresentado um acervo histórico cultural ao mesmo tempo que pode-se perceber as formas geométricas matemáticas nas partes da construção do aparelho telefônico. E na continuidade da visita, visualiza jornais no formato da folha de jornal em meio a uma mesa digital na qual, através da interação vira as paginas de notícias. Ainda, na evolução das notícias se percebe a dinamicidade dos acontecimentos, o que permite a visualização concreta da Geografia, já que as informações da década de 60 são diferentes das atuais. Dessa forma, a proposta apresentada pela área de Geografia do Colégio Concórdia-Canoas aos demais professores da série foi a de criarmos uma atividade interdisciplinar de forma desenvolver a percepção do estudante para uma visão única, ou seja, as partes no todo. Sendo assim, cada professor elaborou uma forma de despertar a percepção para a sua área de conhecimento aplicada no contexto dos locais a serem visitados durante a saída de campo. A organização da área de História foi referente aos prédios históricos juntamente com a evolução histórica das exposições; a Matemática, através da forma da construção desses prédios, onde o estudante poderia perceber a Geometria na construção dos elementos; a Geografia, na dinamicidade dos fatos no cotidiano, além da descrição da percepção referente as modificações ocorridas na paisagem; o Espanhol e o Inglês solicitaram a tradução de alguns elementos vistos nas exposições, além de descrições do trajeto realizado; e o Português se encarregou de avaliar a construção textual dessa produção única, já que a proposta ao discente foi a de construir um único trabalho. Para isso, realizamos um trabalho prévio em sala de aula que possibilitasse ao estudante a formação da consciência de totalidade.

Os estudantes são preparados para a saída de campo através de uma aula específica chamada de “pré-campo”. Recebem o roteiro de atividades que serão realizadas durante o período da saída juntamente com o desenvolvimento das tarefas solicitadas. Nessa aula expositiva, são situados no contexto dos conteúdos abordados em sala de aula para, em seguida, estabelecer relações com os locais a serem visitados. O professor desperta o interesse do aluno no estabelecimento de relações com o que é

percebido na paisagem, confrontando com as temáticas apresentadas, de forma que o aluno descubra se há algo em comum nas duas esferas (conteúdos - paisagem e modificação da mesma), o que se estabelece nessa dinâmica e de que forma acontece, para haver a compreensão das razões da ação do homem sobre o espaço. Nesse momento, o professor está desenvolvendo a percepção do estudante e relacionando-a com a dinâmica do cotidiano no qual está inserido. O enfoque dado é o de observar a natureza na sua complexidade, de forma a compreender que o espaço é modificado pelo homem conforme suas necessidades.

Num primeiro momento idéias são externadas pelos alunos e listadas no quadro. É feita uma conversa no grande grupo, solicitando que pensem o que recordam do trajeto casa-escola. Nesse momento o aluno acaba de construir o seu mapa mental. A partir da visualização e organização das idéias na lista o aluno irá criar o seu mapa temático. Esse mapa deve conter uma legenda criada individualmente e contendo os principais pontos de referência. Através da construção de mapas mentais e do uso de mapas temáticos é apresentada a localização espacial e a forma como ela é percebida pelo indivíduo. Chamamos esse mapa temático de *croqui*, tendo em vista ser um esboço da realidade expresso através da criatividade do estudante.

Num segundo momento é conduzido para a leitura e compreensão do roteiro recebido. O roteiro contém os pontos de parada obrigatória para observação, juntamente com o cronograma de atividades solicitadas. O primeiro ponto é a escola. O grupo observa o entorno da escola, o que há de peculiar, a formação urbana com a presença de ruas, casas e comércio em geral, a formação do relevo, o tipo de vegetação presente, o que é formação natural e o que é construído ou modificado pelo homem. O trajeto no sentido Canoas-Porto Alegre é observado pelos alunos do interior do veículo. O professor destaca que a cidade de Canoas está situada na região metropolitana de Porto Alegre. A estrada BR-116, caracterizada como sendo via federal de trânsito rápido e fluxo intenso, foi criada para ligar as cidades metropolitanas à capital do estado e servir de ligação ao resto do Brasil. Ainda no sentido Canoas-Porto Alegre, paralelos à via, visualizamos os trilhos do *Trensurb (trem urbano)*, fábricas e a atividade de extração de areia às margens do Lago Guaíba. À esquerda da via visualizamos a cidade de Canoas, em seguida o Aeroporto Internacional Salgado Filho de Porto Alegre e nas imediações o Laçador, símbolo situado na entrada da cidade para quem vem nesse sentido.

O terceiro momento, já na cidade de Porto Alegre, acontece a parada na Usina do Gasômetro, ponto estratégico no qual é possível observar o Delta do Rio Jacuí desaguando no Lago Guaíba, além da construção histórica da usina, que atualmente é parte do complexo cultural de Porto Alegre, integrando o projeto de revitalização da orla. À margem esquerda do Lago Guaíba é possível a visualização do centro da cidade, o cais do porto, o Parque da Harmonia e uma obra inacabada do Projeto Aeromóvel (*trem urbano suspenso*).

O quarto momento foi a visitação ao Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, situado no centro da cidade. O museu apresenta a evolução dos meios de comunicação, tanto em termos de equipamentos telefônicos, como rádio e televisão. A exposição visitada, doada ao museu, é comemorativa aos 50 anos de existência da RBSTV (Rede Brasileira de Sinal de Televisão).

O quinto momento foi a visitação ao Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pudemos destacar no trajeto de deslocamento ao museu o Parque Farroupilha, em seguida o Hospital Pronto Socorro e mais adiante o Arroio Dilúvio, o qual deságua no Lago Guaíba. Nesse museu os alunos puderam percorrer os espaços de forma independente, por ser um espaço interativo. É apresentado ao visitante uma proposta complementar de ensino, tendo em vista que

parte do lúdico é para explicar o teórico. O estudante é convidado a experimentar as atividades e com isso aguçar sua curiosidade e relacionar a descoberta ao conhecimento construído e desenvolvido em sala de aula. O interessante é que o espaço é criado em módulos de áreas do conhecimento e ao mesmo tempo fazendo alusão à proposta interdisciplinar, observando-se que o aluno imediatamente sai de um experimento e segue em outro, o que permite relações imediatas.

Porto Alegre apresenta um imenso campo a ser descoberto e explorado pela Geografia. É importante que se destaque que esta mesma proposta de saída de campo pode sofrer alteração no roteiro sem perder o seu objetivo de estudo, conforme apresentamos a seguir: o ponto do Gasômetro pode ser substituído pelos espaços Museu Iberê Camargo, Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Devido ao tempo disponibilizado para a realização da saída no período de dois turnos escolares, os professores optaram pelo trajeto que foi descrito acima.

O que se pode concluir dessa prática é que é necessário aos estudantes um estímulo para que reflitam sobre a dinâmica da cidade de forma crítica a compreender o espaço urbano em sua totalidade. Neste sentido a vivência de uma saída de campo, como ferramenta de ensino, é surpreendente e consideravelmente eficaz para a assimiliação e contextualização da problemática apresentada como proposta de trabalho.

A cidade complexa, como cenário da percepção do educando, é um campo ainda a ser explorado pela Geografia, já que muitas vezes os professores e os estudantes não têm acesso a práticas como essa, o que, infelizmente, ainda é representado através do não entendimento do que é, e para serve a geografia e como esta pode ser trabalhada. Vivenciar é a melhor forma de aprender, caracterizando essa prática como o objetivo dessa saída de campo.

É significativo destacar que o professor acompanhante do grupo para realizar esse tipo de trabalho faça um passo a passo anterior à saída de campo; trabalhando a reflexão dos diversos assuntos abordados na Geografia, caracterizando-se assim diferentemente de uma prática de turismo. É necessário que o professor encante o estudante sobre o tema a ser abordado, ainda em sala de aula, e faça com que essa saída seja algo mágico e de descobertas para visualização concreta da geografia.

A prática interdisciplinar apresenta ao estudante a totalidade da ciência e não a sua compartimentação, como atualmente se observa na estrutura curricular das escolas. Além disso, durante a escolha do roteiro, é necessária a sensibilidade associada a crítica do professor, mas antes de tudo, coragem para experimentar novos instrumentos de ensino e sedução ao estudante, e assim aproximá-lo à Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti. Um pouco do mundo cabe em nas mãos: do ensinar a Geografia ao produzir o pensamento Geográfico. Porto Alegre, UFRGS, 2003, p.59.

STROHAECKER, Tânia. Geografia Urbana. Porto Alegre, UFRGS, 2000, p.63.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino da Geografia Caminhos e Encantos. *A cidade... encantos e desencantos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). Ensino de Geografia Práticas e Textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CARLOS, Ana Fani A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e Utopias no Ensino de Geografia. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

LÜCK, Heloísa. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. São Paulo: Publicações Europa-América, 1982.

ARALDI, Adriana R. Construção do conhecimento através da interdisciplinaridade. (In.) Geografia e Educação geração de ambiências. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.